

regina silveira

meialuz

E se nos fosse dado surpreender o funcionamento da sucessão de dias e noites, num símile de sua infindável alternância? E se topássemos com as antigas figuras do manto escuro da noite e da tela clara do dia, só que invertidas e tão perfeitamente materializadas a ponto de se poder caminhar por entre elas? E se existisse um lugar construído de tal maneira que o céu não estivesse muito além de nós, mas, ao contrário, se mostrasse habitável de dentro como numa casa, ainda que vazada em suas paredes extremas? Em *Meialuz*, cada volta do “se”, limiar da imaginação, dá vista para o maravilhoso. Circular pela exposição, examinando a tridimensionalidade projetada da maquete *Entrecéu*, entrando no dispositivo ótico de *Twilight*, deixando-se levar pela pulsação das imagens e sons em looping no vídeo *Mil e um dias* é descobrir-se numa grande máquina de produzir fantasia. Máquina que, no entanto, extrai sua eficácia da variação e reconfiguração de poucos e explícitos elementos, reanimando metáforas primordiais.

Com elas, instala-se um jogo de tamanho e escala, em cada trabalho e na relação entre eles, de comparação dos apelos específicos de cada técnica, do dilatar e contrair das imagens em movimento, a partir de uma espécie de umbigo do mundo, do áudio que irradia pela sala um vento incessante, somado ao revezamento de vozes de crianças e ruídos de bichos noturnos. Um engenho que encanta e inquieta, que convoca a admiração e as decisões do entendimento.

A pintura de Correggio, os filmes de Mèliès ecoam discretamente aqui. E talvez também aquele relógio do barbeiro, de uma das fábulas italianas recontadas por Italo Calvino, “que havia séculos e séculos andava sem que ninguém lhe desse corda”. E que além desta tinha ainda outra espantosa capacidade, a de responder com acerto, embora um pouco enigmaticamente, às mais variadas consultas de todos que o procuravam.

João Bandeira